

OS ELEMENTOS PARATEXTUAIS EM “O CASO DA LAGARTA QUE TOMOU CHÁ DE SUMIÇO”: UMA PROPOSTA TEÓRICO-METODOLÓGICA PARA ALUNOS DO 4º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL I

Ana Carolina Reginaldo BITENCOURT

Como citar: BITENCOURT, Ana Carolina Reginaldo. Os elementos paratextuais em “O caso da lagarta que tomou chá de sumiço”: uma proposta teórico-metodológica para alunos do 4º ano do ensino fundamental I. *In*: GIROTTO, Cytia Graziella Guizelim Simões; AZEVEDO, Edson Rodrigo de; SOUZA, Renata Junqueira de (org.). **Leitura literária na escola da infância**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2025. p.51-64. DOI: <https://doi.org/10.36311/2025.978-65-5954-642-8.p51-64>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

OS ELEMENTOS PARATEXTUAIS EM “O CASO DA LAGARTA QUE TOMOU CHÁ DE SUMIÇO”: UMA PROPOSTA TEÓRICO-METODOLÓGICA PARA ALUNOS DO 4º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL I

Ana Carolina Reginaldo BITENCOURT

Muitas são as queixas de educadores em relação as atividades de leitura dos educandos, principalmente, quando se trata de estudantes do ensino fundamental. Nesse sentido, observamos que, na maioria das vezes, a abordagem da compreensão leitora na educação básica se dá de maneira unilateral, ou até mesmo para o cumprimento de protocolos que visam apenas ao preenchimento de fichas de leitura no afã de, ao final do bimestre, mensurar o número de livros supostamente lidos naquele período. Assim, constatamos a presença da literatura desconectada da realidade dos alunos, desconsiderando o papel da literatura enquanto manifestação artística e social.

A literatura constitui-se como instrumento social capaz de registrar por meio do signo semiótico uma época, uma cultura, uma sociedade. Ao pensarmos na arte literária somos levados a refletir sobre o impacto dessa modalidade de manifestação em um dado momento, sem perder de vista a relação autor, contexto social e leitor. Para além da palavra, do signo e de suas facetas semióticas, tem-se a realidade material que, *a priori*, exerce sobre os sujeitos sociais sua opressão, sua inflexão e sua uniteralidade.

As construções sociais são estabelecidas ao longo da história. Isso de tal forma demonstra as diversas nuances do poder ideológico que a todo instante (res)significa o mundo à nossa volta e, principalmente, a maneira como compreendemos os acontecimentos que nos circundam. Tomar a literatura como

porta-estandarte do processo de revolução e conscientização, sobretudo, das massas torna-se fundamental para (re)avaliarmos sistematicamente tudo aquilo que acontece, ou pode acontecer no futuro sem negligenciar aspectos políticos e socioideológicos, tão relevantes para a formação do sujeito leitor.

Dessa forma, concebemos a idade infantil como uma revolução, tendo em vista as potencialidades do sujeito leitor nesse período. Suas possibilidades de experimentação, observação e aprendizagem não podem ser subestimadas, pois as condições de apropriação da realidade são vastas e multiformes. Assim, essa faixa etária não pertence ao estático, mas sim à dinamicidade e riqueza que o mundo nos oferta em práticas socioculturais, mesmo que isso transgrida as concepções de senso comum de grande parte das pessoas. Souza e Giroto (2016) ressaltam que quanto mais diversificada for a experiência leitora da criança, maior a ‘ginástica’ que se estará oferecendo ao cérebro infantil nessa fase do desenvolvimento, cujas ações e gestos desses exercícios funcionam como um motor do desenvolvimento leitor.

O supracitado nos revela o poder da literatura, bem como suas potencialidades de modo a se caracterizar como uma lupa, que colocada diante da realidade, pode tanto nos auxiliar no processo de compreensão da realidade, como também na possibilidade de desvirtuá-la. Portanto, notamos que ao materializar no papel um *constructo* permeado por diferentes acontecimentos, principalmente, estaremos engajando crianças e jovens à sua própria condição sem desprezar a realidade *macro* em que se inserem.

Logo, este texto tem como objetivo propor uma abordagem teórico-metodológica de elementos paratextuais para alunos do 4º ano, do Ensino Fundamental I, a partir da obra “O caso da lagarta que tomou chá de sumiço”, de Milton Célio de Oliveira Filho. Como fundamentação, amparamo-nos em Souza e Tagliari (2017), Giroto e Souza (2016) e Solé (1998) para promover uma sequência didática, tendo como metodologia o estudo qualitativo de cunho interventivo destinado à realidade de ensino e aprendizagem de cada público e contexto educacional. Por conseguinte, partimos da hipótese de que os elementos paratextuais são pontes que estabelecem o primeiro contato entre obra e leitor de modo que sua abordagem em situações de aprendizagem não pode ser minimizada ou negligenciada pelos professores de língua portuguesa.

Este trabalho está dividido em duas seções, sendo elas:

- *Os elementos paratextuais no processo de constituição do jovem leitor: fundamentação teórica*: Nesta seção, abordaremos o gênero digital Meme e suas formas de circulação no meio digital, assim como a sua função sociocomunicativa, política e ideológica, bem como e os recursos multissemióticos e multimodais atrelados aos elementos paratextuais como ferramentas teórico-metodológicas imprescindíveis nas aulas de língua portuguesa;

- *Proposta de trabalho com a Sequência Didática*: Nesta seção, foram descritas as etapas realizadas com os alunos, em que a sequência didática apresenta-se dividida em três etapas:

i) antes da leitura, ii) durante a leitura e iii) depois da leitura.

Por fim, trazemos nossas considerações finais acerca do trabalho com a paratextualidade na perspectiva de que a leitura literária mostra-se como um dos maiores desafios das instituições de ensino se pensarmos na prática leitora como arcabouço sócio-histórico preponderante para o desenvolvimento, não apenas metacognitivo, como também para a formação de sujeitos capazes de compreender seu papel no mundo.

Os elementos paratextuais no processo de constituição do Jovem leitor

As vivências de uma época são capazes de se transformar em matéria-prima para todo e qualquer movimento artístico, desde que o autor/produtor tenha consciência desse espaço. Quando pensamos na relação entre processos cognitivos e leitura estamos nos referindo, sobretudo, a uma capacidade do leitor de promover junto ao texto inúmeras ações capazes de facilitar a compreensão da mensagem expressa em todas as suas dimensões possíveis. Trata-se de um mecanismo de formulação e reformulação constantes de modo que as informações implícitas do texto possam ser percebidas e compreendidas eficazmente e a interação entre ambos seja eficiente. Segundo Pressley a proficiência da leitura só é possível quando o sujeito por meio de suas capacidades metacognitivas se lança aos sentidos do texto, extravasando a superfície simplista da mera decodificação de palavras e/ou enunciados a ampliação de vocabulário também se apresenta como aspecto preponderante para o desenvolvimento da proficiência leitora, sobretudo, no ensino inicial em que as crianças demonstram um nível restrito de vocabulário.

Ressalta-se que o principal desse processo não está simplesmente no fato de ler puramente palavra por palavra. Isso seria apenas decodificar signos linguísticos sem que se estabeleça uma relação que transcenda o sentido *estricto* de cada uma delas, ou seja, os sentidos precisam ser compreendidos a partir do conhecimento de mundo de cada um e, principalmente, da intencionalidade de leitura. Portanto, concebemos a leitura como peça fundamental, sobretudo, para a formação humana, já que muitos pesquisadores apontam-na como atividade preponderante para a constituição metacognitiva do ser humano.

Nesse sentido, cada vez mais, pesquisadores do campo da literatura infantil se debruçam sobre as potencialidades do designer gráfico dos livros. Os estudos concebem os elementos que compõem essa espécie de arquitetura da obra como instrumentos de sentidos e constituição de semioses multimodais responsáveis pela produção de significados a partir do texto que será desvendado pelo leitor. De acordo com Côrrea *et al.*, “o livro é um objeto com muitas camadas de linguagem. Uma dessas camadas é o seu projeto gráfico-editorial e nele podemos identificar, além dos elementos textuais (verbais e visuais), elementos pré-textuais, como capa, folha de guarda, ficha catalográfica [...]”.

Os elementos paratextuais se articulam com o texto a ser lido, tal qual a moldura à tela pintada pelo artista. Logo, pensamos nas relações que se estabelecem entre esses nichos semióticos quando articulados à palavra escrita, promovendo entre ambos a relação de completude e significações diversas. Desse modo, não se trata de aspectos meramente ornamentais, tendo em vista que “Além de estimular o leitor a levantar hipóteses de leitura sobre o texto, atitude realizada por todo leitor proficiente, os paratextos de muitos livros infantis inovam em relação à função que tradicionalmente é atribuída a eles [...]” (Corrêa *et al.*),

Nesta seção, apontamos sucintamente o subsídio teórico que subsidiará este trabalho. Não descartamos outros estudos que possam corroborar nosso trabalho, contudo, em razão da prioridade da sequência didática que elaboramos, consideramos relevante, tampouco nos propusemos a revisar toda a extensa literatura científica acerca do tema a respeito dos aspectos paratextuais contemplados em obras de literatura, sobretudo, a infantil.

A seguir, debruçamo-nos sobre uma proposta teórico-metodológica, envolvendo uma obra da literatura infantil, conforme supracitado. Não nos propusemos neste trabalho a prescrever receitas; mas, sim, promover possibilidades de trabalho a partir dos elementos paratextuais presentes nos livros de literatura. Entendemos que diante de cada realidade e primando pela heterogeneidade do público-alvo de cada instituição, os educadores poderão refletir sobre os encadeamentos de cada etapa, podendo suprimir, reformular ou inserir outros aspectos que possam ser relevantes.

Proposta de trabalho com a sequência didática

Com o intuito de estabelecer uma relação entre teoria e prática, segue o exemplo de uma sequência didática de leitura literária abordando os elementos paratextuais e as estratégias de leitura metacognitivas a partir da obra “A lagarta que tomou chá-de-sumiço”, escrita por Milton Célio de Oliveira Filho e ilustrada por André Neves.

A lagarta que tomou chá-de-sumiço é uma história de mistério, uma vez que a Coruja percebe o suspeito desaparecimento da Lagarta e dá início à sua procura. Perguntando aqui e ali, interroga bichos da floresta que poderiam ter “dado cabo” ou “chá-de-sumiço” à lagarta, acidental ou intencionalmente. E a fim de se verem livres das suspeitas, um bicho dá pistas de outro que poderia ser o responsável pelo sumiço.

Para a organização das atividades, utilizar-se-á uma divisão em três momentos: antes, durante e após a leitura, conforme Solé (1998). Assim, entende-se que antes da leitura efetiva da obra é necessário que haja uma contextualização que oportunize o acesso aos conhecimentos prévios dos alunos (Giroto e Souza, 2016).

Antes da leitura: ativação dos conhecimentos prévios

Diante disso, propõe-se, antes da leitura, a utilização de recursos que possam ativar novas sensações e/ou memórias afetivas (Giroto e Souza, 2016). Para essa situação de leitura, pelas possibilidades de contextualização da obra, pode-se iniciar com uma breve dinâmica “Que lembrança esse cheiro tem?”; nela os alunos, de olhos fechados, devem abrir uma caixinha e

sentir o cheiro nela presente. Pelo título conter a expressão “chá-de-sumiço” sugere-se a colocação de sachês de chá dentro da caixa e pedir que as crianças falem a respeito dessa memória olfativa, certamente muitos reconhecerão a fragrância e poderão fazer relações com situações vividas. Outra sugestão de abordagem sensorial poderia ser a degustação de algum tipo de chá.

Posteriormente, lançar mão de outra estratégia, a visualização, inicialmente com a apresentação de imagens que estabeleçam alguma relação com a obra “A lagarta que tomou chá- de-sumiço” e a partir de questionamentos, com perguntas abertas, que possam levar os alunos expressarem o que já têm de conhecimento a respeito do tema, o que poderá ajudar na formulação de hipóteses/previsões e posteriormente à compreensão do texto. Como exemplo, optou-se no planejamento, por estabelecer relações entre as imagens e o título da obra (ainda não apresentado aos alunos) utilizando-se para isso as imagens de uma xícara de chá e o levantamento de expressões ou ditados populares que fizessem referência à xícara ou chá. A apresentação dessas imagens aos alunos pode ocorrer de diversas formas, por meio de cartaz, fichas, flip chart ou datashow.

E então, inicia-se uma conversa mediada por questões previamente elaboradas pelo professor que podem fazer emergir os conhecimentos prévios dos alunos ou até mesmo criar novas vivências. Algumas perguntas podem parecer óbvias, porém ao fazê-las as crianças são estimuladas a falar a respeito e os conhecimentos que já possuem de experiências anteriores são exteriorizados.

Ao observar uma imagem de uma chaleira despejando chá em uma xícara, questionamentos orais, podem ser feitos pelo professor a sua turma, como:

- Sobre a imagem, do que se trata? Quais elementos aparecem nela, o que estão vendo?
- Descrevam.
- Qual a função desses objetos, ou seja, para que servem? Quando são utilizados, em quais situações?
- Qual o conteúdo dentro do recipiente?
- A imagem traz à lembrança de vocês algum fato, alguma vivência ou recordação?

- Vocês conhecem alguma expressão, frase em que esses elementos aparecem? Se conhecerem, cite-as? (Tomar chá de cadeira; Dar uma colher de chá; Mais por fora do que asa de xícara; Tomar chá de sumiço; Chá de bebê; Chá de cozinha e suas variações podem ser citadas pelas crianças.)
- O que essas expressões querem dizer? Sabem o que significa? Em quais situações podemos usá-las?
- Apresenta-se a seguir, uma segunda imagem de uma lagarta sobre uma folha, e novas questões podem ser realizadas.
- E agora, o que é isso?
- O que vocês sabem sobre esse inseto? Quando viram essa imagem, o que sentiram?
- Alguém já viu uma lagarta como essa? Quando? Onde?
- Essa imagem traz à lembrança de vocês algum fato, alguma vivência ou recordação?
- Conhecem alguma expressão, ditado popular ou frase que apareça a lagarta? Qual? Observando agora, as duas imagens acima:
- Será que essas duas imagens poderiam ter alguma coisa em comum? Ou alguma relação entre elas?
- Conseguiriam imaginar uma história ou livro em que aparecessem esses dois elementos?
- Como poderiam ser usados dentro de uma história?
- Fazer o registro das hipóteses/previsões levantadas em um cartaz (em papel Kraft, cartolina ou flip chart) e deixar exposto para retomá-las posteriormente.

Durante a leitura: os elementos paratextuais e as estratégias de leitura para a compreensão

Após a ativação dos conhecimentos prévios, inicia-se a atividade propriamente dita com o livro. Aqui, sugere-se a exploração de todas as possibilidades considerando-se os elementos paratextuais, ou seja, componentes de apresentação material do texto.

Exploração de aspectos físicos do livro: capa, contracapa, guardas, folha de rosto, prefácio e miolo do livro

A CAPA

Questionamentos orais para mediação:

- Observe a capa do livro, o que estão vendo nela? Quais figuras aparecem? Quais informações estão presentes? (Título, autor, ilustrador, editora).
- Alguém conhece o autor do livro ou já leu algo produzido por ele? E sobre o ilustrador, conhecem algum trabalho realizado por ele?
- E a editora? Lembra-se de algum livro produzido por ela? Se conhecerem, o que acharam? Percebem alguma semelhança entre os livros produzidos por essa editora?
- Existe alguma relação entre a imagem e o título do livro? Qual?
- Quais as cores predominantes? Essas cores têm alguma relação com as imagens apresentadas antes de conhecerem o livro?
- De acordo com a ilustração da capa, onde acreditam que a história se passará? Em qual cenário ou ambiente?
- No título, o termo “O caso” sugere algo? O quê? (Enigma, mistério, investigação) E a expressão “tomou chá-de-sumiço”, o que isso quer dizer?
- Pensando nos termos presentes no título, o que será abordado na história?
- Quando foram apresentadas as imagens de xícara, chá e uma lagarta, fizemos algumas previsões sobre o que poderia ser abordado em uma história com esses elementos, será que fizemos alguma previsão que se confirmou quando o livro foi apresentado? (Retomar as previsões anotadas no cartaz e verificar se alguma se confirmou.).
- Agora que viram a capa, o que esperam acontecer ao longo da história?

Se possível, registrar as novas previsões/hipóteses apresentadas pelos alunos para posterior verificação.

AS GUARDAS DO LIVRO

Questionamentos orais para mediação:

- E agora, o que aparece nas guardas do livro? Quais informações? Quais as cores predominantes agora? São as mesmas presentes na capa? O que essas cores sugerem? Fazem-nos lembrar de quê?
- Aparece um galho no meio da página, por que ele parece estar em evidência? Qual poderia ser a importância dele na história?
- O título aparece novamente, mas agora a cor de fundo é diferente da capa, que efeito essa disposição produz? O título é realçado ou não? A cor das letras é a mesma utilizada na capa? E agora, quais elementos apareciam na capa e não estão mais presentes? Quem está faltando? Será que essa mudança foi proposital? Qual poderia ser a intenção do ilustrador?

A FOLHA DE ROSTO

Questionamentos orais para mediação:

- Esta é a folha de rosto, quais informações estão presentes nela? (Ficha catalográfica, autor, ilustrador, título, editora)
- Quais as cores predominantes agora? São as mesmas da parte anterior? Essas cores estavam presentes em qual parte do livro?
- O que há de diferente entre as guardas e a folha de rosto?
- Como é o fundo em que aparece o título da obra? Lembram o quê?
- Quem aparece em destaque agora? O que é feito para que a Lagarta esteja realçada?

A DEDICATÓRIA

Questionamentos orais para mediação:

- Descrevam o que estão vendo. Onde a Lagarta está?
- O que ela está fazendo?
- Quais as cores predominantes nessa parte do livro? Seguem um padrão? A quem a obra é dedicada? O que significa a sigla M.C.?

O MIOLO

Para melhor compreensão da dinâmica de trabalho enquanto se realiza a atividade de leitura mediada, apresentaremos o exemplo de questionamentos orais feitos pelo professor após a leitura de cada página. Assim, didaticamente, após a leitura/apresentação de cada página, antes de iniciar a próxima, o professor faz uma intervenção pedagógica a partir de questionamentos que possam levar à observação de aspectos relevantes do texto que ajudem na compreensão.

Páginas 6 e 7 - Figura da Coruja:

Como está a expressão da Coruja? Como ela parece se sentir? Pela disposição do texto, como sabemos qual personagem está falando? Quem poderia estar implicado nesse fato? Quem vocês acham que continuará procurando pela Lagarta? A Joaninha ou a Coruja? O texto nos dá alguma pista de quem poderia realizar tal tarefa?

Páginas 8 e 9 – Figura da Joaninha:

E agora, quem está procurando a Lagarta? A Joaninha ou a Coruja? Quem disse ser a Joaninha? E a Coruja? Quem acertou? Pelas pistas dadas pela Joaninha, que bicho é o suspeito? (Ouvir as previsões feitas pelas crianças, que serão confirmadas ou não na próxima página).

Páginas 10 e 11 – Figura da Galinha:

A Coruja continua procurando, mas a Galinha se defende e diz que a Lagarta era “boa-praça”, alguém já ouviu essa expressão antes? Em qual situação? O que a Galinha quis dizer quando se referiu à Lagarta como “boa-praça”? Quais foram as justificativas usadas pela Galinha para esclarecer que ela não estava envolvida no sumiço da Lagarta? De acordo com as pistas da Galinha, quem é o próximo suspeito?

Nas páginas seguintes, a obra nos permite diversas abordagens e questionamentos, sendo possível estabelecer conexões (texto/texto, texto/mundo, texto/leitor), previsões e inferências.

DEPOIS DA LEITURA: gráficos organizadores e folha do pensar

Depois de concluída a leitura mediada, dá-se continuidade ao trabalho de compreensão do texto por meio do ensino de estratégias metacognitivas, optou-se aqui pela organização das atividades a partir do modelo de oficinas de leitura conforme Girotto e Souza (2010), que prevê: a aula introdutória – modelação do professor; depois a prática guiada; a leitura independente e por fim, a partilha em grupo e avaliação. Outro aspecto relevante é a observação do tempo de duração de toda a oficina, sugere-se para isso que a modelação feita pelo professor não ultrapasse 10 minutos, entre 35 a 50 minutos para a prática guiada ou leitura independente e 10 minutos a partilha em grupo e avaliação.

MODELAÇÃO: folha do pensar e o ensino da estratégia Conexões (conexões: texto- leitor, texto-texto e texto-mundo)

O professor apresenta o gráfico abaixo e preenche-o mostrando aos alunos como deverão fazer posteriormente, nesse momento apresenta-se o que seriam as Conexões (texto/texto; texto/leitor; texto/mundo). Para isso, sugere-se, que faça uso de algum livro ou texto já conhecido pelos alunos. Nessa ocasião, farei uso do livro *A Rainha da Neve*, de Hans Christian Andersen e recontado por Walcyr Carrasco.

Quadro 1: Conexões

TÍTULO: A Rainha da Neve	AUTOR (A): Hans Christian Andersen, recontado por Walcyr Carrasco
FAZENDO CONEXÕES...	
SOBRE O QUE É A HISTÓRIA:	O QUE ELA FAZ LEMBRAR:
Trata-se da história de Kay e Gerda, dois amigos que se separam devido a um encantamento provocado por um pedaço de espelho mágico feito por malvado e a Rainha da Neve.	Do filme Frozen, da história A Bela Adormecida e de quando caiu um cisco no meu olho e doeu muito.

Fonte: Elaborado pelos autores.

PRÁTICA GUIADA: folha do pensar e as conexões feitas pelos alunos em O caso da Lagarta que tomou chá-de-sumiço

Organizados em pequenos grupos, o professor entrega um exemplar do livro *O caso da Lagarta que tomou chá-de-sumiço* para cada grupo e solicita que os alunos façam conforme o modelo apresentado por ele e preencham o quadro a partir de suas experiências de leitura. Para essa atividade, acredita-se que a existência de vários exemplares da mesma obra possa ser bastante produtiva.

Quadro 2: Conexões

TÍTULO: —	AUTOR(A): —
FAZENDO CONEXÕES...	
SOBRE O QUE É A HISTÓRIA:	O QUE ELA FAZ LEMBRAR:

Fonte: Elaborado pelos autores.

Partilha e Avaliação: compartilhando conexões e avaliando obstáculos

Assim que todos os grupos sinalizarem a conclusão do preenchimento da folha do pensar, solicitar que os grupos socializem as informações da folha do pensar que fizeram e exponham suas percepções acerca da atividade, se tiveram dificuldades ou não, se compreenderam a estratégia ensinada etc.

Considerações finais

Conforme supracitado, podemos observar o quão importante é a literatura quando pensamos no papel da arte enquanto forma de expressão de um universo nem sempre perfeito e idealizado, uma vez que “a obra depende estritamente do artista e das condições sociais que determinam sua posição” (Candido, 2006, p. 40). Dessa forma, se pensarmos nos tempos hodiernos,

chegaremos à conclusão de que atrelar literatura e realidade trata-se de promover reflexão acurada sobre o momento atual, articulando arte e mundo em um processo simbiótico de manifestação, não apenas artística, mas sobretudo político-ideológica.

Por conseguinte, acreditamos que a vida real sirva como subsídio material e concreto para o universo de elaboração da obra artística. Nesse sentido, ao nos depararmos com personagens da magnitude de Severino, constatamos o quão relevante é a consciência de classe, principalmente, para o segmento artístico, que conforme afirmamos anteriormente, pode e deve se revelar como estandarte das manifestações sociais na mais pura essência e intensidade do mundo real. Assim, “[...] só a podemos entender [a obra] fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra [...]” (Candido, 2006, p. 13).

Deve-se destacar em meio a isso que a criança não se coloca nesse jogo em relação ao mundo e à percepção da realidade como mera receptora de informações, pelo contrário, o que se observa é justamente o inverso. Desse modo, o pequeno leitor ao tomar contato com o mundo da literatura construa uma relação direta com a voz do enunciador/narrador que lhe propõe uma espécie de diálogo, ou seja, o processo interacionista se dá por meio de trocas constantes entre um e outro. A literatura constitui-se como instrumento social capaz de registrar por meio do signo semiótico uma época, uma cultura, uma sociedade.

Quando pensamos na arte, sobretudo, na literária somos levados a refletir sobre o impacto dessa modalidade de manifestação em um dado momento, sem perder de vista a relação autor, contexto social e leitor. Para além da palavra, do signo e de suas facetas semióticas, tem-se a realidade material que, a priori, exerce sobre os sujeitos sociais sua opressão, sua inflexão e sua verticalidade.

Referências

- ANDERSEN, H. C. **A Rainha da Neve**. São Paulo/SP: Moderna, 2013.
- CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.
- FILHO, M. C. O. NEVES, A (ilustrações). **O caso da Lagarta que tomou chá-de-sumiço**. São Paulo/SP: Brinque-Book, 2008.
- GIROTTTO, C. G. G. S.; SOUZA, R. J. (org.). **Literatura e educação infantil: livros, imagens e prática de leitura**. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2016.

GIROTTTO, C. G. G. S.; SOUZA, R. J. (org.). **Literatura e educação infantil: para ler, contar e encantar.** Campinas/SP: Mercado de Letras, 2016. SOLÉ, I. **Estratégias de leitura.** 6. ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

SOUZA, R. J.; TAGLIARI, B. L. (org.). **Estratégias de leitura: reflexões sobre o ato de ler no ensino superior.** Tubarão: Ed. Copiart, 2017.

SOUZA, R. J. [et al.]. **Ler e compreender: estratégias de leitura.** Campinas/SP: Mercado de Letras, 2010.